

PSICOLOGIA ESCOLAR E ENSINO REMOTO: LEVANTAMENTO DE DEMANDAS NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cinthya Karina Ventura de Macêdo¹
Ludwig Félix Machado Leal²
Mísia Carolyne Pereira de Morais³

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir os resultados do levantamento de demandas feito com alunos do ensino fundamental anos finais em uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. Foi aplicado um questionário elaborado pelo setor de psicologia da instituição com questões sociodemográficas e também sobre as principais dificuldades escolares, sintomas psicológicos sentidos durante a pandemia, relacionamento entre a turma, entre outras. Após a aplicação do questionário foi aberto um espaço para os alunos comentarem e se expressarem sobre as perguntas propostas. Participaram da aplicação do questionário os alunos do ensino fundamental anos finais do 6º ao 8º ano somando um total de 82 participantes, 50% meninas e 50% meninos, dos quais 96,4% avaliam as relações com as turmas e professores de maneira positiva. Espera-se com o presente artigo contribuir com dados relevantes para a reflexão da prática do levantamento de demandas e diagnóstico escolar em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Psicologia escolar, Ensino fundamental, Pandemia, COVID-19, Aulas remotas.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo principal é discutir os resultados do levantamento de demandas feito com alunos do ensino fundamental anos finais em uma escola privada no Estado da Paraíba – PB. No relato em questão será abordada a coleta de dados realizada junto aos alunos do ensino fundamental anos finais e as especificidades no trabalho desenvolvido nesse segmento na modalidade do ensino remoto nos tempos de pandemia.

A Organização Mundial da Saúde já coloca que o advento da pandemia, a necessidade do isolamento social e aulas remotas são apontados como elementos que levaram a um aumento das queixas de medo, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental

¹ Graduada em **Psicologia** pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU-CG), cinthyakvmacedo@gmail.com;

² Mestrando em **psicologia social** na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicologoludwigleal@gmail.com.br;

³ Mestranda em **psicologia social** na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, misiacarolyne@uol.com.

(OMS, 2020). Resultados recentes reportam também os efeitos da pandemia na saúde mental das pessoas e argumentam que tal evento tem feito crescer, por exemplo, a incidência de sintomas de estresse pós-traumático (LIU et al., 2020). Quando se fala no processo de aprendizagem, o cenário parece não ser diferente. O isolamento social está associado a uma diminuição no desempenho na aprendizagem e maior estresse enquanto se estuda por meio de aulas remotas (TAN, 2020).

Em um contexto como esse, e na escola especificamente, o psicólogo se torna um profissional importante, pois cabe a ele a tarefa de acolher as queixas e novas demandas que surgem e planejar intervenções que possam ajudar no alívio de todo o estresse e angústias do momento. Nesta direção, o trabalho do psicólogo escolar, mesmo em tempos pandemia, parece ser a de fazer circular a palavra criando espaços em que a comunidade escolar se sinta à vontade para falar (COUTINHO; ROCHA, 2007).

Mudam, é claro, os meios e canais pelos quais essa escuta e circulação da palavra acontecem. O uso de aparato tecnológico para práticas no meio educativo não é algo novo, mas não deixa de ser um desafio em vista da pouca capacitação oferecida pelas instituições para os profissionais da área. Sendo assim, se torna especialmente necessária a criatividade e capacidade de inovação. É partindo desses dois elementos que o psicólogo escolar pode e deve atuar fazendo possível o compartilhamento dessa gama de novos afetos que surgem com o isolamento e o advento das aulas remotas (CAMARGO; CARNEIRO, 2020).

Vale ressaltar ainda a importância de uma prática pautada na subjetividade e contexto de cada ator escolar que leve em conta os obstáculos encontrados por cada um. Sendo assim, é imprescindível que a prática seja acompanhada de uma coleta de dados no que diz respeito às demandas dos alunos e de toda a comunidade escolar. É a partir disto que podemos justificar a importância do presente trabalho.

METODOLOGIA

De acordo com o plano de ação do setor de psicologia da escola apresentado para a direção, supervisões pedagógicas e coordenações, foi proposto um momento com os alunos para apresentá-los ao trabalho dos psicólogos escolares, conhecê-los melhor e sondar as principais demandas. Nessa ocasião, foi aplicado um questionário elaborado pelo setor de psicologia com questões sociodemográficas e também sobre as principais dificuldades escolares, sintomas sentidos durante a pandemia, relacionamento entre a turma, entre outras.

Após a aplicação do questionário foi aberto um espaço para os alunos comentarem e se expressarem sobre as perguntas propostas. Ressaltamos que essa coleta de dados inicial será complementada na medida em que os trabalhos forem sendo desenvolvidos, uma vez que novas demandas podem surgir no decorrer do ano. Os principais resultados são apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da aplicação do questionário os alunos do ensino fundamental anos finais do 6º ao 8º ano somando um total de 82 participantes, 50% meninas e 50% meninos, dos quais 96,4% avaliam as relações com as turmas e professores de maneira positiva.

Bullying e cyberbullying

Foi perguntado no questionário se o participante presenciou alguma situação de bullying ou cyberbullying nos últimos 6 meses de pandemia. Do total de respostas, 15% dos alunos responderam já ter presenciado ou sofrido alguma situação de bullying ou cyberbullying nos últimos 6 meses. Esse resultado deve implicar em ações de psicoeducação e prevenção sobre o tema para que essa porcentagem seja diminuída cada vez mais. Sugerimos que o profissional da psicologia que atue no ambiente escolar pode intervir sobre esse tema e trabalhar com palestras, aulas, rodas de conversa e outras atividades em grupo para promover a circulação dos discursos sobre o tema e sensibilizar possíveis vítimas para buscar ajuda profissional.

Sobre a prática do cyberbullying, é importante pontuar que a facilidade com que as informações são compartilhadas na internet traz benefícios para a educação, saúde, atividades científicas, entre outros setores. Entretanto, o uso pode se tornar problemático na medida em que aumento do uso e acessibilidade da internet abre para os indivíduos, que desejam causar danos a outras pessoas, a possibilidade de fazer isso de forma online por meio do cyberbullying (BARLETT et al., 2019).

O cyberbullying, nesse sentido, pode ser compreendido como um fenômeno de violência entre pares, marcado pela repetição e relação desigual de poder, com o objetivo de causar danos como humilhação, calúnias, ameaças, chantagens, entre outros, e que acontece por meio de dispositivos eletrônicos e pela internet (OLWEUS; LIMBER, 2018).

Não se pode deixar de discutir que, segundo Babvey et al. (2020), o crescimento de conteúdo abusivo durante a pandemia de COVID-19 implica que o aumento da exposição a conteúdo violento online está ocorrendo em todo o mundo e, com isso, tem-se verificado um

grande aumento no índice de cyberbullying. Isso pode apontar para outras razões além da gravidade de medidas que estão por trás do aumento de conteúdo abusivo, incluindo maiores preocupações e estresse decorrentes da pandemia, além disso, observam-se também muitos impactos socioeconômicos (BABVEY et al., 2020).

Tais resultados confirmam o que já se sabe da relação entre a prevalência de cyberbullying com prejuízos à saúde mental. Comumente, tanto as vítimas como os agressores possuem sintomas como estresse, ideação suicida, depressão, ansiedade, solidão, sintomas somáticos, problemas emocionais, abuso de álcool e outras drogas, redução de satisfação com a vida, da autoestima e de comportamentos pró-sociais (KOWALSKI et al., 2014; REDMOND; LOCK; SMART, 2020). Apesar disso, os efeitos do cyberbullying variam perante diferentes fatores individuais e ambientais (BARLLET et al., 2019). Com base nisso é necessário, portanto, planejar intervenções direcionadas a esse público-alvo durante a pandemia do COVID-19.

Principais sintomas psíquicos sentidos durante a pandemia

Foi perguntado aos participantes se eles sentem algum dos sintomas apresentados na presente questão. Dos itens disponíveis para marcar estavam: ansiedade, tristeza excessiva, estresse, irritabilidade, desmotivação, pesadelos, mudança de apetite, dificuldades de concentração e atenção, medo excessivo, entre outras, podendo ser marcado mais de um item.

Chama atenção o alto percentual de respostas afirmativas para ansiedade, correspondendo a 61% do total. Em segundo lugar aparecem três sintomas com o mesmo percentual, sendo eles irritabilidade, desmotivação e dificuldades de atenção e concentração, cada um com 43% das respostas afirmativas. Destacamos também os sintomas a seguir: esquecimento (40,3%), insônia (30,6%), dores constantes de cabeça ou em outras partes do corpo (25%), medo excessivo (20,8%), pesadelos (19%) e tristeza excessiva (18%). Mais da metade dos alunos também relatou não fazer uso de nenhum tipo de medicamento para tratar ou amenizar os sintomas acima marcados. Na sequência, 73,2% respondeu que nunca frequentou nenhum tipo de serviço especializado em saúde mental.

Em um estudo com 640 estudantes de todo o Brasil, Ariño e Bardagi (2018) constataram uma correlação negativa estatisticamente significativa entre as vivências acadêmicas e a vulnerabilidade psicológica, aqui definida como presença de sintomas indicativos de ansiedade, estresse e depressão. Compreende-se, portanto, que quanto pior a

percepção dos estudantes em relação às suas experiências acadêmicas, maior o risco de apresentar esses sintomas mentais comuns.

Ariño e Bardagi (2018) apontam ainda que manter percepções positivas sobre as próprias habilidades escolares e competências para estudar, aprender e organizar o tempo, podem se tornar fatores de proteção da saúde mental. Além disso, reforçam que não manter uma boa relação com colegas pode prejudicar o estabelecimento da sua rede de apoio no contexto acadêmico, que por sua vez pode acarretar em sentimentos de não pertencimento e dificuldades de adaptação.

Principais dificuldades escolares durante a pandemia

Foi feita uma pergunta aberta aos participantes sobre quais são suas principais dificuldades escolares desde o início da pandemia do novo coronavírus. Para tanto, observamos algumas categorias de respostas, as quais estão listadas abaixo:

- a) Dificuldade de atenção e concentração nas aulas remotas (23%).
- b) Dificuldade com provas, atividades e apresentação de trabalhos (12%).
- c) Dificuldade com o distanciamento social (10%). Nessa categoria os alunos falaram da dificuldade em fazer amizades, em se comunicar com os colegas durante o isolamento social.
- d) Timidez e insegurança (7,5%).
- e) Dificuldade com horários (5%)
- f) Dificuldade com organização e administração do tempo para os estudos (3,7%).

Sobre o tema ansiedade, os altos índices confirmando a presença desse sintoma foram verificados ao longo de todo o questionário. Isso requer prioridade em todas as ações do setor de psicologia escolar responsável pela instituição ao longo do ano. Diante de tais problemáticas os psicólogos escolares podem trabalhar esse e outros temas através do trabalho de psicoeducação com palestras, aulas, rodas de conversa e elaboração de cartilhas com orientações em saúde mental.

Pode-se ofertar também a criação de grupos com alunos que demonstrem interesse de se encontrar semanalmente ou quinzenalmente na modalidade online para trabalhar essas questões específicas relacionadas à ansiedade. Junto a isso, o trabalho de plantão psicológico escolar na modalidade online é extremamente importante para acolher demandas individuais mais urgentes. Além da ansiedade, o psicólogo escolar não pode deixar de olhar para outros

problemas como irritabilidade, desmotivação, dificuldades de atenção e concentração e questões relacionadas à inteligência emocional.

Outros tipos de dificuldades

Também fizemos uma pergunta aberta aos participantes sobre quais dificuldades da vida pessoal gostariam de compartilhar. A partir da análise das respostas encontramos as seguintes categorias:

- a) Dificuldade na relação com pais e familiares (8,8%)
- b) Insegurança e dificuldade com autoestima (8,8%)
- c) Ansiedade (7,3%)
- d) Reconheceu que existem dificuldades, mas não quis compartilhar (4,4%)

Nesta pandemia, com as aulas remotas, as famílias têm de conviver muito mais tempo juntas, já que escola e casa agora se tornaram o mesmo ambiente, isso pode gerar conflitos de diversas ordens. Conforme mostram os resultados a categoria de maior dificuldade dos alunos é a relação com pais e familiares, que pode ter intensificado diversos tipos de mal-estar através do isolamento social.

Em casa, em muitos casos, adolescentes se sentem incomodados principalmente quando os pais tendem a vigiar e regulamentar o ensino dos filhos de maneira invasiva. Situações assim podem ser extremamente nocivas para os adolescentes em isolamento, que encontram sua subjetividade invadida pelos pais, de modo que mais conflitos são gerados e o convívio familiar torna-se uma tortura. Para os pais as queixas são sobre o comportamento dos filhos e seu rendimento escolar. Já para os adolescentes, as queixas estão situadas em sentimentos de angústia e estresse (SEI; ZUANAZZI, 2016). O menor sinal de algum comportamento indesejado por parte do outro pode causar um grande problema. Isso está relacionado ao fato de que essas são questões que já existiam e que muitas pessoas ignoravam e de repente tem que se confrontar com os próprios fantasmas (HOMEM, 2020).

Sugestões de atividades para o setor de psicologia escolar

Deixamos uma pergunta aberta aos participantes com o objetivo de sondar dos alunos o que eles esperam do setor de psicologia e quais ações podem ser bem-vindas para esse segmento. Nessa perspectiva, 13,2% do total de respostas indica não saber como o setor de psicologia pode ajudar. Já 19% das respostas sugere que façamos escuta e acolhimento individual para os que precisarem. Outros 14,7% sugerem atividades de orientação e

psicoeducação em geral. Enquanto isso, 11,7% das respostas indica a necessidade de ações voltadas para o tema da ansiedade. Por fim, 5,8% relatam a necessidade de intervenções que auxiliem nas dificuldades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o trabalho do psicólogo escolar nas instituições de educação em tempo de pandemia. Desse modo, foi apresentado um relato de experiência por meio do qual se discutiu os resultados encontrados a partir do levantamento de demandas realizado com alunos do ensino fundamental anos finais de uma escola de ensino privado do Estado da Paraíba.

Ente os principais resultados encontrados destaca-se a alta prevalência de ansiedade entre os estudantes, assim como irritabilidade, desmotivação e dificuldades de atenção e concentração. Esses sintomas são encontrados em outros estudos como característicos do momento atual de pandemia, agravados após a implementação do ensino remoto.

Espera-se com o presente artigo contribuir com dados relevantes para a reflexão da prática do levantamento de demandas diagnóstico escolar em tempos de pandemia. Dessa forma, é possível que os gestores e os psicólogos escolares de cada instituição de ensino possam conhecer mais sobre seus alunos e planejar atividades direcionadas para suas necessidades específicas. Espera-se, assim, que os resultados discutidos possam auxiliar os alunos a melhorar os índices de satisfação com o rendimento escolar e bem-estar psicológico.

REFERÊNCIAS

ARIÑO, D. O, BARDAGI, M. P. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Revista Psicologia em Pesquisa**. v. 12, n. 3, p. 44-53, 2018.

BABVEY, P.; CAPELA, F.; CAPP, C.; LIPIZZI, C.; PETROWSKI, N.; RAMIREZ-MARQUEZ, J. Using social media data for assessing children's exposure to violence during the COVID-19 pandemic. **Child Abuse and Neglect**, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104747>

BARLETT, C. P.; KOWALEWSKI, D. A.; KRAMER, S. S.; HELMSTETTER, K. M. Testing the Relationship Between Media Violence Exposure and Cyberbullying Perpetration. **Psychology of Popular Media Culture**, v. 8, n. 3, p. 280-286, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000179>

CAMARGO, N. C.; CARNEIRO, P. B. Potências e desafios da atuação em Psicologia Escolar na pandemia de Covid-19. **Cadernos de Psicologia**, n. 1, 2020. Disponível em:

<<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/potencias-e-desafios-da-atuacao-em-psicologia-escolar-na-pandemia-de-covid-19>>. Acesso em 07 abr. 2021

COUTINHO, L. G.; ROCHA, A. P. R. Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. **Psicol. clin.**, v. 19, n. 2, p. 71-85, 2007.

HOMEM, M. **Lupa da alma: quarentena-revelação**. 1ª Ed. São Paulo: Todavia, 2020.

KOWALSKI, R. M.; GIUMETTI, G. W.; SCHROEDER, A. N.; LATTANNER, M. R. Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. **Psychological Bulletin**, v. 140, n. 4, p. 1073-1137, 2014. doi: 10.1037/a0035618

LIU, N.; ZHANG, F.; WEI, C.; JIA, Y.; SHANG, Z. Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: Gender differences matter. **Psychiatry Research**, v. 287, p. 1-6, 2020.

MIRANDA, D. M.; ATHANÁSIO, B. S.; OLIVEIRA A. C. S.; SIMÕES-E-SILVA, A. C. How is COVID-19 pandemic impacting mental health of children and adolescents? International journal of disaster risk reduction. **IJDRR**, v. 51, p. 101845, 2020.

OLWEUS, D.; LIMBER, S. P. Some problems with cyberbullying research. **Current Opinion in Psychology**, v. 19, p. 139-143, 2018. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.012

Organização Mundial da Saúde (OMS). Coronavirus disease 2019 (COVID-19) situation report. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/health-yathome/healthyathome—mental-health>>. Acesso em 07 abr. 2021

REDMOND, P.; LOCK, J. V.; SMART, V. Developing a cyberbullying conceptual framework for educators. **Technology in Society**, v. 60, p. 101223, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2019.101223>

SEI, M. B.; ZUANAZZI, A. C. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 2, p. 89-108, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 abr. 2021.

TAN, C. The impact of COVID-19 on student motivation, community of inquiry and learning performance. **Asian Education and Development Studies**, v. 10, n. 2, p. 308–321, 2020.